

**O TRUQUE DA MANGA**

(Condensado do «Literary Lapses»)

Por Stephen Leacock

AGORA, minhas senhoras e meus senhores,» disse o prestidigitador, «deste lenço, inteiramente vazio, como estão vendo, vou tirar um aquário com peixes dourados. Pronto!»

Houve um sussurro de admiração em toda a sala, e toda a gente dizia: «É maravilhoso! Como é que ele consegue fazer isto?»

Mas o Senhor Sabido, na fila da frente, (ora, se o enganavam!) murmurou fortemente aos cavalheiros vizinhos: «Estava dentro da manga.»

Os cavalheiros vizinhos sacudiram as cabeças, com inteligência, dizendo: «Sem dúvida! Sem dúvida!» E, em toda a sala, toda a gente murmurou também: «Estava dentro da manga.»

«Meu truque seguinte,» continuou o prestidigitador, será o dos famosos arcos indús. Como veem, os arcos estão aparentemente separados. A um só golpe, eles se unem. (Clang, clang, clang). Pronto!»

Houve outro «ah!» de estupefação no público, até que o Senhor Sabido murmurou: «Ele tinha outros arcos—na manga ».

Novamente toda a gente sacudiu a cabeça e murmurou: «Os arcos estavam—na manga». Os sobrolhos do mágico se carregaram consideravelmente.

«Agora,» prosseguiu ele, «um dos meus mais interessantes truques. Vou fazer aparecer, de um chapéu qualquer, uma porção de ovos. Algum cavalheiro poderá ter a gentileza de me emprestar o seu chapéu ? Ah, muito obrigado. Pronto ! »

Apareceram 17 ovos, e, durante meio minuto, os espectadores podiam jurar que o prestidigitador era realmente maravilhoso. Então, o Senhor Sabido, mais uma vez, murmurou: «Ele tem uma galinha—escondida na manga.»

E o truque dos ovos foi um fracasso.

Assim, segundo se podia depreender dos murmúrios do Senhor Sabido, o mágico devia ter, ocultos em sua inesgotável manga, além do aquário, dos arcos hindus e da galinha invisível, um berço de bonecas, uma cobaia viva e uma cadeira de balanço...

A reputação do prestidigitador estava rapidamente caindo abaixo de zero. Já quase ao terminar o espetáculo, decidiu ele fazer um esforço derradeiro.

«Minhas senhoras e meus senhores,» disse, «como número final, vou apresentar o famoso truque japonês, recentemente inventado pelos nativos de Tipperary. O cavalheiro», continuou ele, dirigindo-se ao Senhor Sabido, «poderá ter a bondade de me dar o seu relógio de ouro?»

Foi-lhe entregue o relógio.

«O senhor me permite que eu arrebente o seu relógio ?» perguntou o mágico.

O Senhor Sabido inclinou a cabeça e sorriu.

O prestidigitador tomou de um martelo e amassou violentamente o relógio. «Já o meteu—na manga, » murmurou o Senhor Sabido.

«Agora, caro senhor, » continuou o mágico, «o senhor pode me dar o seu chapéu e deixar que eu dance sobre ele? Muito obrigado.»

O prestidigitador fez uma série de passos sobre o chapéu, tornando-o inteiramente irreconhecível.

O rosto do Senhor Sabido se iluminou. Desta vez, o real mistério da coisa o fascinava.

«Agora o senhor me dá a sua gravata, com a permissão de queimá-la nesta vela? Muito obrigado. E os seus óculos também, com a licença de meter-lhes o martelo? Muito, muito obrigado.»

A essa altura, o Senhor Sabido estava, visivelmente intrigado. «Essa agora,» murmurou ele, «está de rachar. Não percebo níquel.»

Houve um grande silencio no auditório. O prestidigitador, com um olhar fulminante ao Senhor Sabido, concluiu:

«Minhas senhoras e meus senhores, podem observar que eu, com a permissão deste cavalheiro, esmaguei o seu relógio, dancei sobre o seu chapéu, queimei a sua gravata e quebrei os seus óculos. Se ele me permitir ainda que eu lhe pinte algumas listas verdes no casaco, ficarei encantado de poder entreter-vos ainda mais. No caso contrário, encerro aqui os meus trabalhos.»

E, com um bravo finale na orquestra, a cortina caiu e o público se dispersou, convencido de que, afinal de contas, há alguns truques que não são executados com a ajuda da manga do artista.